

ORISO



M.^{LLE} NAPIERKOWSKA — *Dansarina russa*

ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO Á VENDA :

Album de Cuspidos, (3. ^a serie)	1\$000
A Família Beltrão. . .	1\$500
O Chamisco	1\$500
Entra, Senhor !..	1\$500
Variações d'Amor.	\$800
Comichões.. . .	\$800
Horas de Recreio	\$600

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um.	200 réis
Seis.. . . .	1\$000 »
Pelo correio.	1\$500 »

O CHAMISCO ou **O querido das mulheres**
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

ESTA' A' VENDA

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SENHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000

Risa

Semanario artistico e humoristico

NUM. 73

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



CHRONIQUETA

E ainda dizem que os srs. *paes* da Patria não merecem os cem mil réisinhos que percebem por dia!

Mas isso é uma injustiça que se lhes faz, e injustiça clamorosa, porque os illustres *representantes* da Nação têm trabalhado p'ra burro, — salvo seja! — e tanto isso é verdade que, não satisfeitos com o muito que têm trabalhado, ainda querem trabalhar mais... prorogando pela segunda vez, por mais trinta dias, a presente sessão legislativa, que por signal terminou em Agosto, mas que sem divida vae terminar, de facto, a 31 de Dezembro, e isso mesmo porque o anno deve terminar ali.

E tudo isto porque? Supõe o leitor que os srs. *paes* da Patria arranjam essas *esticadelas* apenas pelo prazer de receberem os cem mil réis diarios durante mais quatro mezes? Qual o que! Quem é que se atreve a dizer semelhante coisa?

Na verdade, a *têta* é deliciosa... mas não é isso o que os leva a prorogar as sessões, não senhor! o que eles querem é trabalhar...

(Oh! os srs. *paes* da Patria são muito *trabalhadores*, não ha duvida!...

* * *

Uma bela instituição o Jury! não te parece, leitor?

Aqui no Brazil, então, o Jury não é tão somente, uma bela instituição: é tambem uma grande, uma enorme, uma se-quipedal instituição! Acreditamos mesmo não haver em parte alguma do mundo outro Jury igual, nem tão recto nas suas decisões...

Um modelo o nosso Jury! Criminoso que tenha a desventura de assentar os fundilhos das calças ali, no banco dos réos, (às vezes, si o dito cujo é graúdo, o banco é substituido por uma cadeira de palhinha e de encosto...) pôde contar com a condemnação pela certa. Agora, si o camarada é *inocente*, não ha que discutir: vem para a rua em tres tempos.

Justiça, mas justiça mesmo justiceira, como dizia o outro, é ali. O dr. Mendes Tavares que o diga...

* * *

Para variar e *avariar* tivemos mais um desastre ali pelos dominios do sr. Conde De Frontin, que é como quem diz: na Estrada de Ferro Central do Brazil.

Desta vez, parece, não houve mortes, a não ser que, tal como da outra vez, os cadaveres *disparassem*; mas em compensação houve feridos, meia duzias *apenas*, e grandes prejuizos materiaes, que é o que mais importa, si de facto importar,

O PISO

ao inefavel *engenheiro*, cuja cábula bem merece ser decantada em prosa e verso...

Apostamos em como esse desastre foi mais uma vez obra do *terrivel complot* que o interessantissimo Conde até hoje ainda está por descobrir, apesar de todo o seu grande talento!...

* * *

A policia deu agora em não tolerar as *tolerancias*... e foi multando em quinhentos *bagarotes* a cada uma das respectivas proprietarias, ou *Maioraes* das mesmas, conforme são mais conhecidas.

Mas porque razão daria a policia para *inticar* com essas casas, não nos dirão? Seria por motivo de queixa recebida de algum frequentador das mesmas?..

Não, não pôde ser! e não pôde ser porque, quem vae a uma dessas casas não se pôde queixar de ter sido maltratado... pelo contrario: muito bem tratado é que se é; recebem-se geralmente muitos carinhos... si bem que esses carinhos ás vezes saiam mesmo bastante *carinhos*...

Emfim, eles lá sabem porque o fazem, e nós não dizemos nada porque, segundo dizia Chritovão Colombo, o grande *poeta napolitano*: — «do melão o melhor é o calado...»

* * *

Tem sua graça a queixa apresentada por aquele amigo... do alheio, preso na Detenção, contra um advogado que, diz o tal *amigo*, apanhou-lhe uns bons *arames* para tratar de o pôr no andar da rua, e afinal não deu mais signal de si, deixando-o numa estadia forçada na *aprasivel* Pensão Meira Lima...

Postas as coisas nos seus respectivos logares, a gente, que não é "amiga do alheio", concorda que o tal advogado é um *espertalhão* de marca e, aqui para nós, está também fazendo jús a uma *diaria* na referida *Pensão*... Entretanto, pensando bem e levando a coisa pelo outro lado — salvo seja! — esse pandego advogado não pôde ser castigado pelo que fez, porque sabem todos muito bem que, "ladrão que rouba ladrão, tem cem annos de perdão".

Lóoogo... o homenzinho está isento de culpa...

* * *

Eu pretendia dizer aqui qualquer coisa sobre o projecto de amnistia aos *marinheiros reclamantes*, ora em discussão na Camara, mas... aquilo está tão *encernado* que eu não me atrevo a dizer coisa alguma...

Nada! podia sahir por ahi alguma

inconveniencia e cá o degas não está para morrer de *insolação*...

O seguro morreu de velho e eu quero ver si consigo fazer outro tanto; por isso peço ao leitor amnistia para mim, por hoje, afim de pingar o ponto final na *Chroniqueta*.

Deiró Junior.



Museu de raridades

O bigode do Figueiredo do S. José
... as conquistas do Cabiac
.. a mulata do Sebastião Martinez
... o celebre soneto do O. A. C. do Palco

... o meio dedo do galã Intrumencias, do S. José

... os cachorros do Leonardo
... o *cavaignac* do Da Veiga Cabral
... a caneca furada da Daria Gallinha Roxa, do Apollo

... a barriga do Alfredo Silva
... os oculos do coronel
... os gemidos do Augusto Campos
... o *tulufone* da tia Rosa Fernandes, da Avenida Mem de Sá

... os jardins da Pepa Delgado
... o monoculo do Tefé.



D. Virginia Quaresma, jornalista *brasileira*, entrevistando o Senador Pinheiro, perguntou-lhe se o Marechal Hermes seria reeleito.

Não ha duvida que essa jornalista é bem *brasileira*, pois conhece maravilhosamente a Constituição!



Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone entral 2218

OOOOOO RIO DE JANEIRO OOOOOO



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para
“O RISO”
 deverá ser remetida á sus redacção á
RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.
 Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis
 Nos Estados.... 300 réis
 Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS ANNO

Capital.. 10\$000
 Exterior.. 12\$000

Conde de Avanhadava

O Sr. Conde de Avanhadava, de quem já demos uma entrevista, procurou-nos novamente.

S. Ex., como se sabe, figurou num noticiario passional dos jornaes.

Como sabem, uma rapariga, não feia, apaixonou-se pelo illustre titular e tentou suicidar-se.

Além da gloria de adivinho que elle partilhava com o Mucio, além da gloria de ter descoberto meios de fazer vestidos de seda com fibras de ananaz; além destas glorias todas e outras, o sr. Conde acaba de ter a de homem fatal.

O sr. conde procurou-nos para nos dizer de que maneira a coisa se passou.

Como theosopho e iniciado, S. Ex. é casto; mas outros feiticeiros seus inimigos, entre os quaes o Mucio, resolveram desmoralisal-o perante o padre eterno e que fizeram?

Associaram-se com espiritos malignos e endemoninharam a rapariga, infiltrando-lhe aquella paixão e suicidio consequente.

Sabem para que?

Para tirar delle todo o seu poder occulto, toda a sua videncia e telepathia, porquanto um mago a quem acontece inspirar paixão, perde todas essas qualidades.

Felizmente, porém, elle soube explicar-se com o padre eterno e está plenamente justificado.

Coisa rara

Haja grande festa em toda rua e praça.
 Mulheres divinaes, em grossas patuscadas,
 Sacudindo os quadris com todo geito e graça,
 No galope final das boas maxixadas.

Nos labios da negrada imiga da chalaça,
 Estourem com sabor, sonoras gargalhadas.
 Procure-se gozar na farra mais devassa,
 As altas emoções das coisas festejadas.

Espouquem pelos ares traques e foguetes.
 Haja pra sisudez, um bom chinello ou relho.
 Enfeitem-se os bordeis de bellos galhardetes.

Desfaça-se na orgia, a mais profunda magua.
 Porque vi, calmamente, o grande Escaravelho,
 Bebendo um copo d'agua!!...

Jota Pedrosa



— Que pressa ha em votar o Codigo Civil?

— Não vês que o Marechal quer civilizar a Republica.



Elle — Achas que te dei pouco ordenado?... e não foi esse o preço que combinamos?...

Ella — (com todo o respeito) Foi, sim senhor; mas era só como arrumadeira, no entanto o senhor tem me occupado em todo o serviço...



Matando o tempo

Reunimo-nos sempre, eu e alguns amigos em uma meza de uma confeitaria elegante, depois dos nossos affazeres; e, saboreando as melhores marcas de cerveja, contamos os mais pittorescos episodios da nossa mocidade.

E é sob o sabôr de uma Antartica que analysamos factos, criticamos costumes e tiramos de tudo, conclusões, às vezes rectas e severas, outras fechadas com a galhofa, embora traduzindo duras verdades.

Fazendo parte d'estas reuniões, não pude furtar-me de contar uma aventura, por mim ha dias realisada, onde quiz certificar aos meus companheiros de palestra, o amor ardente que nutre pelo degas, uma appetitosa morena.

—Você crê em amor de mulheres? perguntou-me incontinenti um dos camaradas.

—Estou engasgado para responder-te, porém dou-te melhor resposta no que passo a narrar a todos vocês.



—Fui procurar uma pequena, que tem hoje o seu castello. Ha muito que não a via, embora outr'ora fosse o altar das minhas affeições ou digamos mesmo, a minha ex-amante.

Uma vez chegado a casa onde mora, entrei. No patamar da escada, eu fui interrogado por uma desconhecida, se eu era o seu fulano; e eu, embora vacilante, respondi affirmativamente.

Julgava esquecido por quem procurava e jamais supuz que fosse esperado com tal ardençia, para ser tornada publica a minha visita, mormente quando os desenganos da vida põem no olvido, todo o soberano desejo de ter-se um ideal qualquer.

Comtudo, passado o primeiro momento de estupefacção, subi celere os degráos da escada em caracol e aquella que eu buscava com extraordinarios symptomas de alegria, encontrei-a no seu boudoir, garridamente sublime, com uma dessas garridices infantis que tanto encanto dão aos lares da burguezia.

Olheia-a, olhou-me e n'um longo e suspiroso beijo recordamos o nosso passado venturoso.

E, transportado áquellas regiões, onde o amor tem a sua tenda de trabalho a

peso de bom dinheiro, mais parecia um Marco Antonio apaixonado e louco pela sua Cleopatra.

Estirados nos braços um do outro, mergulhamos n'um ninho perfumado, onde ouvi os mais ardentes protestos de amizade, os mais fogosos arroubos de amor, que, dizia-me ella, a fazia ainda viver soberbamente, entre a multidão dos seus amantes de occasião.

Lisonjeado com aquella especie de juramento, eu, que ali n'aquella alcova roubava os carinhos do dono da fazenda, significava tambem a minha encantadora apaixonada, toda a minha expressiva satisfação de ser assim tão querido' e inebriado por tanta luxuria, unimos nossos corpos e na pressão, talvez, de um beijo mais quente, mais sensual, adormecemos.

Quando me despedi, tinha o pensamento envolto em alegres circumloquios. Como sou amado!...

Vanitas, vanitatem.

—E assim termina a aventura, meus caros amigos. E tu, tornei ao que me perguntara se eu acreditava em amor de mulheres, que me dizes a isto?

—?!...

—Não é capaz de amar-me esta rapariga, independente de ser tão leviana?

—Impossível.

—Como?! As suas declarações amorosas...

—Qual, meu velho! São bolhas de sabão que se desmancham subitamente no espaço.

—Mas... pela maneira que me recebeu...

—Enganas-te.

—?!...

—E sabes porque foste recebido entre mimos e seducções?...

—?!...

—Porque o outro, não estava, grandissimo tolo.

E riram-se todos, enquanto eu enfiado concordava intimamente.

Dom Perninhas



—Leste o livro do Principe?

—Não.

—Porque?

—Essa leitura seria muito principesca... O livro custa muito caro.

© PISO





Installação electrica

Raul e Clemencia iam installando seu ninho de matrimonio em que promettiam amar-se muito.

«Crescei e multiplica!»

Ha que obedecer os preceitos publicos.

Compreende-se logo que o templo, ou falando em termos mais vulgares, o dormitorio, foi objecto de especial attenção, com sua grande cama ao centro, cama que parecia, pelas suas dimensões, uma praça publica, com seus cortinados bem preparados para interceptar a luz do dia, com botão de campainha ao alcance da mão para poder pedir á Carola, a criada, o chocolate reparador, sem necessidade de abandonar o suave calor do acolchoado.

Carola havia recebido as instrucções convenientes para evitar qualquer appareição indiscreta: enquanto não tocasse a campainha, chamando-a, devia abster-se de interromper as legitimas expansões conjugaes, pelas quaes Clemencia ia sentindo um muito bom gosto.

Clemencia admirava, pois, seu ninho de amor que havia substituído seu quarto de solteira: sentia-se encantada com aquelles moveis de *laqué* branco, aquellas cortinas de seda, aquellas gravações a Luiz XV espiritualmente licenciosas, aquelles bibelots, leques e diversas miniaturas, quando a casualidade levou-a á casa de sua amiga Germana que tambem acabava dese casar e que não deixou de lhe mostrar minuciosamente sua installação.

Não era melhor que a de Clemencia, talvez até fosse menos artistica, menos refinada, menos cuidada nos detalhes; porém, tinha electricidade! O! essa radiante electricidade com seus aparatos, suas lampadas orientaes, suas applicações e effeitos deslumbrantes.

Porem, o que mais chamou a attenção e admirou a Clemencia e seu esposo, foi a cupula da cama, magnifica e com dois systems de illuminação: um brilhante e claro para leitura, outro mysterioso, discreto que espargia sobre o colchão luzes de sonhos e luzes de tons paradisiacos, que parecia manter o espirito fluctuando entre o céu e a terra.

—Que lindo! Que lindo! dizia Clemencia atritando as mãos.

E enquanto Germana gozava do effeito produzido, Clemencia, vagamente invejosa, pensava que não seria esquisito ter uma illuminação assim, no seu ninho de *laqué* branco.

A'quella mesma noite falou d'ella a

Raul em um desses momentos especiaes e divinos — nos quaes, com a cabeça na almofada, não se sabe negar nada ao eterno feminino, cuja força é então decuplada.

Mas a pensar nisto, Raul exclamou:

—Querida, temos tido tantos gastos este anno!... Não pensas nas nossas campainhas electricas e na installação a gaz que nos custaram tão caro?

—Sim, porém a electricidade é muito melhor, como se vê em casa da Germana. Nós outros estamos a antiga, parecemos retrogados, fóra do progresso. A electricidade é uma grande coisa, com ella desapparecem as velas perigosas, as lamparinas de azeite. Um commutador que se dá volta, uma pera sobre a qual se apoia um dedo e se póde dizer como Deus: «Faça-se a luz,» e a luz se faz, é admiravel. Vamos, meu bemzinho, gostaria tanto de ter electricidade! Tu tens dito tantas vezes que o teu maior prazer era ver-me satisfeita... pois bem, agora podes demonstrar-me.

—Agora mesmo, se tu queres.

—Não, desse modo, não... a menos que não me concedas a electricidade.

O resto da discussão perdeu-se n'um sussurro de beijos e de eufemismos onomatopicos indispensaveis.

No dia seguinte, Raul apresentou uma petição á Light e subscreveu todas as objecções que contêm os contractos que a empresa impõe a seus clientes.

Raul e Clemencia conheceram o gozo de examinar os albuns, nos quaes se offercem artisticos desenhos. Fizeram ensaios de illuminação com bolas de cristal irizado, no tecto, aranhas transformadas em constellações e outras convertidas em sol. Porém, o mais interessante de todos, foi o arranjo do tecto da cama, á semelhança do da Germana.

—Não se equivoquem, dizia o electricista: á direita, o cordão mais comprido, corresponde á rosa de luz clara para ler; o mais curto é para a luz difusa, suave, destinada ao somno ou a outros momentos, que requeiram uma luz mais doce, mais...

—Comprehendido, comprehendido, disse Raul, enquanto Clemencia sorria maliciosamente.

—Quanto ao botão da campainha, continuou o operario, está collocado á esquerda, assim não ha erro possível. De modo que, campainha de chamada á esquerda, cordões de illuminação á direita.

—Perfeitamente, está bem comprehendido.

—A'quella mesma noite, depois de haverem lido juntos o ultimo numero

O Riso

d'O Riso, breviario de amor, muito util para todos os casados, Raul e Clemencia julgaram chegar ao momento de ensaiar a luz suave, na mais indicada de suas applicações.

—Meu anjo, disse Raul com voz carinhosa, não te parece bem que nos envolvamos nas suaves ondas da luz rosada?

Clemencia que já havia perdido a serenidade, apertou o botão que estava ao alcance de sua mão...

No momento mais suggestivo, mais enlouquecedor, mais... psychologico da... conversação conjugal, abriu-se a porta do quarto, entrou Carola, correu as cortinas do leito e perguntou com voz clara e serena:

—A senhora necessita de alguma coisa?...

.....

Tableau.

Trad.

Jot Pedrosa.



Recebemos dos Srs. Viuva Silveira & Filho, proprietarios do afamado depurativo «Elixir de Nogueira», cinco exemplares da habanera intitulada «Elixir de Nogueira».

Aconselhamos aos nossos leitores, não só a musica que além de boa é distribuida gratuitamente, como tambem o «Elixir de Nogueira» que é o melhor depurativo do do sangue.

Agradecemos a offerta.



N confidencia

O casamento de Mercêdes e Julio se approximava; tanto assim que os ultimos proclamas ja haviam corrido.

Naquella tarde, sós na sala de visitas, conforme o nosso habito; e muito ao contrario dos nossos habitos, os dois noivos conversavam.

Dizia Julio:

Emfim, vamos ser felizes... Creio que já me conheces bem e tudo o que fiz em solteiro já te contei. Não ha nada que me envergonhe.

Por ahi entrava a futura sogra que deu uma olhadella de inspecção e voltou á sala de jantar, depois de um:

— Vocês estão ahi?

Sahindo a futura sogra de Julio, elle continuou:

— Gosto de ser franco, para que depois não me accuses. Não achas Mercêdes?

— Acho.

E calou-se, fazendo o seu exame de consciencia.

Não estava calado dois minutos, quando surge na sala o seu sobrinho Zézé a fazer uma bulha de todos os diabos.

A futura mãe de familia não pôde deixar de ralhar:

Socega, Zezé! Vae lá p'ra dentro!

Não voltaram logo a conversar; ficaram um instante calados e recommçaram. Disse Mercêdes:

— Não sei se serei util, boa dona de casa, porque nada entendo da vida. Imagina tu que nem o preço dos generos sei! Mamãe nunca quiz que...

Por ahi entrou o futuro sogro, o capitão Claudio, barrigudo como um mandarim. Julio ergueu-se para cumprimental-o:

— Capitão!

— Não se incommode. Estou á procura do meu canivete... Os calos não me deixam! Mercêdes, não o viste?

— Não, papae, respondeu a filha.

O velho saiu logo, depois de uma ligeira inspecção no casal e na sala. Mercêdes continuou:

— Imagina tu que mamãe nunca quiz que eu me mettesse em serviço de casa... Não sei nada e se alguma coisa valho devo ás amigas. Agora, terás uma mulher que não te será pesada.

— Porque?

— Porque... Uma coisa...

— Dize!

— Ora! Não vale a pena... Será uma surpresa...

— Dize, meu bem!

Por ahi, houve o primeiro beijo daquella tarde.

— Queres saber?

— Quero?

— Não terás filhos.

— Como?

— Fiz uma operação com um medico que uma amiga me aconselhou.

Kim.



O PISO.

Como foi

Casara-se o Marques com a bella Pequetita que era, pelos seus dezoito annos, a mais linda menina casadeira do bairro do Andarahy.

Marques tinha como seu mais intimo amigo o Bastos que, ao contrario de Marques, era feio a valer. D'ahi veiu este nunca arranjar namorada o que o fazia ter uma certa inveja do seu elegante amigo.

Casado Marques com a bella Pequetita, Bastos, como era natural, fez-se commensal do casal e, como era intelligente e espirituoso, lubrificado pela amizade de Marques, foi se insinuando no espirito de Pequetita.

Bastos em breve fazia-lhe a côrte e cartearam-se, sem que Marques desse pela coisa.

As coisas foram marchando muito naturalmente, mas, quando se tratou de coisa seria, Pequetita resistiu tenazmente.

Bastos usou de todos os meios: escreveu cartas cheias de ternura e poesia, fez versos; mas não houve meio, Pequetita respondia sempre: só quando elle morrer.

Bastos tinha, pois, um desejo furioso que o seu amigo morresse, desejo tão forte quanto tinha pela posse da mulher.

Tratou de estudar toxicologia, mas teve medo de executar o envenenamento.

A sua furia se concentrava e não havia meio de Marques adoecer. Nem uma constipação. Certo dia, este veiu ao amigo e fez-lhe uma confidencia. Bastos ficou contentissimo e respondeu:

—Se queres que o *negocio* volte, tens um remedio infallivel.

—Qual é?

—Metteres os pés n'agua fria, ao ar livre, e passar assim uma noite inteira.

—Cura?

—Cura.

—Marques era simples e credulo e empregou o remedio. Passou uma noite toda com os pés n'agua e em pleno inverno. Era n'uma noite fria e o pobre marido, em *forfatti*, apanhou um resfriamento e bateu a bota.

Pequetita casou-se com o Bastos, após os mezes determinados pela lei.

Hum.

Na hora extrema

A meus distinctos amigos Campos e Figueiredo, presidente e secretario do "Centro Cavatorio Paulista"

Meia noite. Na cella escura e fria
Dum convento soturno e desolado,
Um frade inda bem moço fallecia,
Pela irmandade toda rodeado.

Uma lagrima pura reluzia
No rosto seu, tristonho e macerado.
—Eis nosso pae — um frade lhe dizia,
Mostrando a imagem do Crucificado...

Indifferente e calmo, o moribundo,
Para Jesus — o redemptor do mundo —
O dubio olhar nem levantou sequer...

E morreu proferindo um nome brando,
Entre os convulsos dedos apertando
Um divinal retrato de mulher!

Orozimbo Anhaia

S. Paulo, 28—9—912.



Elle — E' verdade ter eu dicto que gostava de fazer festas a teu cachorro, mas não assim em plena rua.

Ella — Então porque dizes que, quando me me ves pela rua, só tens vontade de acariciá-lo?...

Já está á venda

O CHAMISCO
OU
O querido das mulheres

Preço 1\$500

Pelo correio 2\$000

O Piso

VERSOS



Versos !... Quantos seriam preciso construir
P'ra me fazer, por vós, amigos, applaudir ?!...
Quanto trabalho o verso ! Ser-me-ia preciso
Muito, p'ra merecer-vos um perfeito juizo !...

Embora !... E' feito o verso. Agora algum sandeu,
E' capaz de gritar que nada disso é meu.
Os zoilos !... Conheço-os a todos ; boa gente !...
Tramam e mordem, seja a quem fôr, atrozmente!...

Por isso eu pouco faço e tenho mil rasões
De rir da abrupta vida, esperando occasiões !...
Bem mais feliz, talvez, do que os que nasceram
Grandes vultos ; depois, na miseria morreram !

Não ha duvida alguma que em literatura
Eu faça, quando em vez, tambem minha figura.
Porém tudo o que faço é só por brincadeira.
Submetto-me a experiencia... nestá versalheira !...

Ferreira de Almeida

Rio, 1912.

Atirou no que viu...

O Chiquinho logo ahi pelos seus dezoito annos tratou de fazer a sua iniciação amorosa.

Como todo o adolescente que pretende fazer a sua iniciação amorosa, Chiquinho procurou logo uma criada complacente da vizinhança que o ajudasse em tão sagrada coisa.

Procurou, procurou e descobriu na vizinhança uma «cabrocha» geitosa em torno da qual elle começou a arrastar a sua aza.

A rapariga, no começo, fingiu que não dava attenção, mas Chiquinho era bello adolescente, com uma pelle macia, muito alvo, alourado e o pequeno buço sombreava o seu rosto deliciosamente.

A' vista disso, ella não resistiu muito tempo e o encontro foi marcado, com a grave difficuldade de uma escalada do muro que isolava a casa onde era empregada a cabrocha, de uns terrenos baldios.

Julgavam ambos que a coisa estivesse em segredo ; mas assim não foi, porquanto a patrôa de Carola suspeitara da coisa e conseguira ouvir-lhes os colloquios.

Madame Vasconcellos, a patrôa de Carola, era uma bella senhora, de seus quarenta annos e, como toda a quaren-

tona, sequiosa do ardor dos adolescentes.

Ella não poude ver Chiquinho sem sentir uma tentação de beijar aquelles labios juvenis e sentiu inveja da criada que ia receber delles beijos ardentes na sua pelle parda.

Veio o dia marcado e Chiquinho, assim que se recolheram na casa do dr. Vasconcellos, com as precauções de um meliante refinado, escalou o muro e, com maiores precauções, dirigiu-se á porta da sala de jantar, onde, segundo o trato, Carola o esperaria.

Entrou e, no escuro, guiado por uma cautelosa mão, dirigiu-se para o quarto.

Ahi chegado, em plena luz, teve uma extraordinaria surpresa.

Quem o guiava, era a patrôa e não a criada ; e Mme. tirou-o do embaraço dizendo :

—Vem, meu amor ; Carola fugiu com um bombeiro, á tarde. Tive pena de ti !

Oiê.



- Que estudaste na Europa ?
- Manobras.
- De que Exercito ?
Da pandega.

O PISO

PANTHEON DOS

«IMMORRIVEIS»...



E cresce cada vez mais o numero de candidatas ao «Pantheon»! Nesse andar, teremos em breve de augmental-o sensivelmente, para podermos dar

entrada a todos os *puetas* que se nos apresentam e delle são realmente dignos...

Por hoje, ahi vão mais tres *Immorriveis*, de cuja *capacidade* os leitores julgarão.

Desabafo

(Ao Bidoca)

Amei-a, sim! Foi só por causa della que eu padeci, e curti tal soffrimento! Eu a trazia sempre no pensamento Vivendo unicamente e só por ella!

Ella jurou tambem que me amaria E eu, tolo que fui!—acreditando, Nesse sonho enganoso me embalando Fui trahido afinal. Oh! que heresia!

Trocou por outro o meu amor sincero Mas hei de vel-a arrepender-se e espero Vel-a a meus pés pedindo o meu perdão!

E eu lhe direi sorrindo—*fostes perjura!* *Faltastes* para commigo a tua jura Por isto não te perdão—Não!»

F. C. DE SÁ.

Ahi tem você, *seu Sá*, o *Desabafo* que o seu quadrupedico estro produziu, graças á *lata* que a sua Ella lhe amarrou e muito bem amarrada

Acha então você, *seu palerma* das luminarias, que foi uma «heresia» o ter sido «trahido», hein? E você não acha heresia maior ainda o facto de se metter a *pueta*, quando o seu logar devia ser nos varaes de uma carroça?...

Nós, si fossemos o seu amigo Bidoca, a quem dedicou o seu *soneto*, assentavamos-lhe umas valentes bofetadas, pelo desafôro que você teve de oferecer uma porcaria destas.

Vá ser burro para longe!...

Apresentamos agora ao leitor o *Immorrivel* que se segue e cujo *talento* nada fica a dever ao *collega de riba*:

Por causa de um cachorro

Tinha a Rosa um *cachorrinho*...
Muito gordinho e bem bonito.
Era todo o seu encanto
E chamava-se «Nelito».

Sendo muito ciumenta
Do cachorro, nunca deixava
Que a gente pegasse nelle
E toda se abespinhava.

Uma vez eu tentei fazer
Ao seu *cachorro* uma festa
Ella então por meu castigo
Me arrumou um pau na testa!»

V. I. CIADO.

Pois foi muito bem merecido o castigo, *seu coisa!* Quem lhe mandou ser atrevido? Então você pensava que era só «fazer festas» ao «cachorro» da rapariga e mais nada, não é?...

A pena que temos é não podermos metter-lhe tambem o pau no fio do lombo, pelo topête que você teve de fazer taes *bêrsos* e de nol-os enviar, pedindo a sua publicação; sim, porque você pôde ser muito bom apreciador de «cachorros», mas é tambem um ordinarrissimo e muito reles *bersejador*, ouviu?

Olhe, vá moer vidros com o... *pescoço*, que é melhor, percebeu?...

Ahi vae, finalmente, o ultimo dos *puetas* destinados a figurar hoje no «Pantheon». E' tambem um *rimador* emerito e *talentudo*... Vejam isto:

A vida

Uns dizem que a vida é um sonho
Mas outros dizem que não.
Pôde ser, mas eu supponho
Que o viver é uma illusão.

E' um circulo medonho
Que nos traz em confusão.
Se um dia surge risonho
Outro é negro qual tição!

A vida o que vale? Nada!
E' uma onda embaralhada
Na qual a gente se afoga.

Por isso eu digo que a vida
Seja embora divertida
Não passa de grande droga.»

J. COSTA..

Justamente, *seu Costa!* A vida é tal qual o seu *soneto*: uma grandissima droga! não presta para coisa alguma.

Agora, aqui muito em particular, digamos, *seu Costa*: porque é você, que mostra tanto aborrecimento pela vida, não se suicida logo de uma vez? Ao menos não nos tornará a amolar com *sonetos* iguaes a esse que nos enviou.

Quer um conselho de amigo? Pois elle ahi vae: suba a um dos postes mais altos da companhia 'elephonica e, uma vez lá em cima, atire-se de cabeça para baixo. Faça isso e verá como a vida não o aborrecerá mais.

O PISO

Premières

AMOR... E OVOS — vaudeville em 3 actos, original de Gastão Tojeiro e Victorino de Oliveira.

Não podia ter sido mais auspiciosa a estréa, no elegante «Cinema Theatro Chantecler», da companhia de comédias, vaudevilles e operetas, de que faz parte a 1.^a actriz brasileira Apolonia Pinto, e isto ficou plenamente patenteado com as duas formidáveis enchenças verificadas por ocasião dessa estréa, segunda-feira ultima, naquella popular theatrinho.

Amor... e ovos, cujo entrecho é de molde a agradar em absoluto, e que é, além disso, uma verdadeira fabrica de gargalhadas, mereceu o maximo carinho por parte de todos os seus interpretes, sendo entretanto de absoluta justiça destacar Augusto Santos, Apolonia Pinto, Germano Alves, Dolores de Lima e Alexandre Poggio, que foram sem duvida os heroes da peça e da noite, tendo os demais artistas concorrido sem discrepancia para o completo exito da representação, o que se verificou pelos cerrados e merecidos applausos de que foram alvo.

Resumindo: *Amor... e ovos* é um vaudeville engraçadissimo a valer, sem a minima escabrosidade, e digno de ser apreciado pelos frequentadores do Chantecler, cuja empresa, de resto, já tem a sua reputação firmada pela maneira verdadeiramente honesta porque costuma servir o publico, que por isso mesmo está na obrigação restricta de corresponder-lhe aos esforços.

Um verdadeiro triumpho a estréa da companhia de comédias, vaudevilles e operetas, no Chantecler! — E. E.

N'uma padaria :

Entra um portuguez e pede ao respectivo dono :

— Bosmeçê me da ahi “dois pões”?

— O dono, outro portuguez mais preparado, fica scandalisado e indaga : “Diga-me cá. Bosmeçê é da escola do seu Ferreira d’Almeida”?

— E pur quê? Se me faz favori?!

— Por causa da sua grumatica. O sinhori debia pudir *pães* e não *pões* como pudio.

— Ora, vá p’ro diabo com a sua grumatica. São opiniães. Passe-me os *pões*.

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA

FATIMA
EGYPCIOS

GIGARROS
MARCA VEADO

N.º 2 PONTA DOURADA

* * Luxuozamente preparados para o Bello Sexo * *

O PISO

Razões de adúltera

Casa o Juvencio com a Rosa.
Ha uns sussurros maganos.
Ella, nova, appetitosa...
E'le, já maduro em annos.

Passa o tempo e Rosa... nada
Viu... gosou... do matrimonio.
Quando já desesperada
Sente no corpo o demonio.

E arranhou incontinenti
Um amante na cidade
Moço, bello, forte, quente...
De primeira qualidade.

Si o homem faz, Deus desfaz,
E o Juvencio desconfiou.
Por isso, muito sagaz,
A espreital-a comçou.

Em pouco tempo... coitado!
Com que dor no coração
Comprehendeu a situação:
— Estava sendo enganado!

E um dia, após o jantar,
Vae com a Rosa p'ra varanda;
Depois de muito falar,
Em desaforos desanda.

E, de um modo nada brando
Passa-lhe um sermão de escacha,
Que a Rosa choramingando,
Vae ouvindo cabisbaixa.

Acabou-se a bandalheira!
E sem fazer escarcêos
Vae Juvencio a prateleira,
Da mulher rompe os chapéos.

Em tão triste situação
A Rosa, desguarnecida,
Lamenta a sua união,
Sem gosos p'ra sua vida.

Sem licença p'ra sahir,
De accôrdo com as ordens toscas,
Passa o tempo sem sentir,
Vendo os amores das moscas.

Mas, passados tart s mezos,
Juvencio, que, por marido
Muito bom, quer ser ás vezes,
Do factio fez-se esquecido.

Eis que a Rosa novamente
A rua poude sahir;
E a falta que tanto sente,
Do gosó que quer fruir,

Outra vez esquece o espóso
Que já não dava mais nada,
E um amante carinhoso
Arranhou de patuscada.

Apezar do seu mysterio,
Juvencio torna a saber;
Com mais aquelle adulterio,
De raiva fica a morrer.

E prevenindo o porvir,
Tal como muitos maridos,
Para a mulher não sahir,
Rompe todos os vestidos.

Fica nua a Rosa em casa,
Grita, chora, berra, clama;
De volupia ardendo em braza
Passa os dias n'uma cama.

Mas, de gosos tão rafada,
Passado um tempo comprido,
Consegue pela criada
Escreve ao seu querido:

«Venha aqui, meu doce amado,
Em casa de meu marido.
Sahir não posso, o damnado
Deixou-me sem um vestido.»

E um dia, dia aziago,
Quando juntos, os amantes,
Na cama, n'um doce afago,
Gosam a vida, radiantes,

Entra o Juvencio no quarto,
Dá com a droga... mas que drogäl...
De tolerancia já farto,
Fulo de raiva interroga:

— «Mas, aqui?... mu'her maldita!
No meu leito?...» e o amante treme.
Quando a voz da Rosa geme,
N'uma resposta.— Que tita!

— «Sim. Aqui...» e poz-se a rir
— «Onde querias, por Deus,
Que fosse?... se p'ra sahir
Eu não tenho mais chapéos
Nem roupa para vestir?!...»

Dom Pernichas



— O Jury absolveu o Mendes Tavares?

E' verdade. A policia, porém, vae prender o Lopes da Cruz.



Elle — Vá. Vá sahindo... Não cahirei n'outra. Si não fosse o maravilhoso *Mucusan*, que é o rei dos medicamentos para essas porcarias, eu ainda estaria em cima de uma cama, em consequencia da tua falta de hygiene.



Films...

MOREIRA GUIMARÃES

A substituição á vaga deixada com o fallecimento do sr. João de Siqueira, filho do Estado de Pernambuco, e eleito pelo do Sergipe, pela *vontade de ferro* do sr. General Siqueira de Menezes, presidente da terra de Sylvio Romero, Tobias Barreto, João Ribeiro, Deodato Maia e outros de nomes cotados na illustração e no merito, coube, em boa hora, ao illustre militar Tenente-Coronel dr. Moreira Guimarães, que foi o escolhido do povo.

Ora, o povo sergipano, não podia fazer melhor escolha, porque o seu conterraneo, o intelligente autor das «Notas Fluminenses», reúne todas as qualidades para ser um bom parlamentar.

Como militar, creio não ser necessario salientar a sua conducta, pois o seu bello livro «No Extremo Oriente» é uma prova exuberante do quanto é recto e criterioso o seu valor como soldado brioso e disciplinado.

A sua estadia no Japão, para onde fôra, em commissão do nosso governo, como addido militar ao Exercito desse paiz, afim de acompanhar a evolução da guerra Russo-Japoneza e fazer o estudo psychologico do espirito revolucionario do povo desses dois paizes, é um attestado vibrante e honroso para a sua —fé de officio—e uma gloria para o Exercito Brasileiro, para a nossa patria, e, particularmente, para o Estado de Sergipe, a sua terra natal, que agora mesmo acaba de o eleger para seu representante no Congresso Nacional.

Como cidadão, S. Ex. é o prototypo da democracia, affavel, generoso e bom.

Nota-se que o sr. dr. Moreira Guimarães é despido dessa vaidade de que está imbuida tanta gente *fidalga*, hoje, nos nossos dias republicanisados.

Como escriptor, S. Ex. tem dado tambem boas provas da sua cultura.

Destacam-se das suas obras literarias o seu livro «No Extremo do Oriente» e «Estudos e Reflexões», peças de valor e de profundos conhecimentos scientificos e litterariós.

Como jornalista, a sua penna é conhecida em diversos jornaes, não só desta Capital, como tambem nos de alguns Estados, notadamente no de S. Paulo, para onde, actualmente, S. Ex. escreve a brilhante chronica «Notas Fluminenses».

E' membro de diversas academias scientificas aqui do Brazil e da Europa, de

onde regressou ha mezes, tendo deixado nessas plagas longinquoas e estranhas uma impressão do seu criterio, da sua capacidade e do seu valor como militar distincto, honrando assim, desse modo brilhante, a sua patria que encontrou em S. Ex. um filho extremoso, um cidadão util, um patriota sincero e um soldado honrado.

Na Sociedade Geographica Brasileira, de que elle faz parte como um dos mais illustres socios, a sua palavra tem sido sempre ouvida com admiração, porque os seus discursos prendem, captivam e emocionam o auditorio, pela doçura da sua voz sonora, eloquente, e ao mesmo tempo meiga.

Cabe agora ao digno representante da terra de Camerino, de Horacio Hora, fazer tudo que lhe for pos-ivel, na medida de suas forças, para corresponder á expectativa dos sergipanos que estão confiados em S. Ex., convencidos de que de agora por diante, no Parlamento Brasileiro, Sergipe terá um representante sincero, trabalhador, patriota, honesto e amigo que não deixará jamais, ao abandono, os interesses de sua terra e de seus conterraneos.

Moço como é, S. Ex., naturalmente, concluido o seu mandato, no Congresso, irá pleitear a eleição para presidente do seu Estado.

Quando isto succeder, permita-me o illustre parlamentar, um conselho:—governe bem, com justiça e com amor, baseado sempre no direito e na razão.

Como deputado, S. Ex. pôde fazer muita coisa, e ha de fazer, estou convencido, mas como presidente, caso seja o eleito, S. Ex. para poder governar criteriosamente, é necessario que desligue do organismo estadual esses membros que tanta ruina têm causado ao pobre, pequenino e infeliz Sergipe, desde a proclamação da Republica.

Seja bom, honesto e justiceiro. Para tal fim, se fôr preciso, faça como Diogenes, procure gente limpa. Se uma lanterna só não chegar, leve duas, pois, nas ruas do Estado de Sergipe ainda transita muita gente boa. Se por lá ha homens como «Chico Allemão» etc., existem tambem homens como Sylvio Romero, João Ribeiro, Cornelio de Mendonça e outros, de real valor intellectual.

Por isso, eu aconselho a V. Ex., na Camara, não se esqueça, trabalhe, para ganhar honradamente a sua pelega de cem.

Gaumont.

O Riso

BASTIDORES



Disse-nos o José Alves Sandwich que a actriz V. Santos fez aquelle sarilho todo por causa do *vaso* que por duas noites a fio appareceu cheio de mer... cadoria estranha no seu camarim, apenas para fazer acreditar não ter sido ella a autora do *presente*... mas a verdade é que não foi outra pessoa, mesmo por-

que, já não é esta a primeira vez que ella o faz...

Acreditamos que assim seja, mas, que diabo tem o Alves de metter o nariz nestas coisas?...

Trazendo-nos as suas despedidas por ter de partir para a Bahia, o Henrique Alves prometteu-nos mandar de lá «umas boas piadas» para esta secção...

Muito obrigados lhe ficamos.

—Diz o Lino Ribeiro, do Apollo, que o Mario Brandão não se farta de o cace-tear, pedindo-lhe todas as noites para caracterisal-o.

Realmente, já era tempo do Mario ter aprendido!

—Segundo nos informou o Alberto Ferreira, ha um gordo coronel d'olhos azues que vae todas as noites levar dois mil reis em prata á Maria Caveira, do Pavilhão...

—Não é exacto que a Medina tenha tenção de desenrolar outra *fit*a de suicidio na Bahia, conforme constou por aqui.

Ora, ainda bem.

—Disse-nos a Maria das Neves «que a sua collega» Cordalia está agora, nas horas vagas, praticando para *doutora* em medicina...

Será verdade ó Lagos?

—A Guilhermina Japoneza, do Pavilhão, veio de Lisboa via Rio Grande afim de se fazer *gramophonista* aqui no Rio, e parece não ter perdido os *passos*...

Agora, ella queixa-se de que o *tal-zinho* não anda d'automovel, só quer bonde...

O' Mario Brandão, olha que assim o Lino mal tem tempo de compor os seus *stypos*...

—Damos um doce a quem descobrir a razão porque a Lucilia Pose Esbelta anda arrufada com a Maria Caveira.

Ciumes não matam mas maltratam...

—A Auzenda, pouco antes de partir, dizia que já estava farta de *leitão*... e por isso ia atirar-se ao *vatapá*, na Bahia...

Acreditamos porque foi o Conde que o disse.

—A Avellar Pereira agradeceu o convite que lhe foi dirigido para compartilhar do banquete, no dia 5 de Outubro, mas lá não foi...

—Disse-nos o Soares Mangueira n. 2, que o seu collega Franco metteu na mala uma boa porção de *Mucusan*, para o que desse e viesse...

E fez muito bem; pôde arranjar algum *esfriamento* a bordo...

—A Thereza Gomes diz que ha de fazer o possivel de ver se consegue fazer-se *socia* de algum *restaurant*, para onde agora vae, pois para isso conta com a ajuda do Gabriel

—Ao que parece, a Julia Gaivotta d'Oliveira não se contenta com os abraços que lhe dá, na caixa, o *galão* Vasco Parasita.

A menina agora tambem tem bicho *carpinteiro*...

—A Emilia de Souza, do Apollo, só apparece agora d'olhos pretos...

Tambem, quem a mandou andar a jogar o *box*?...

—Dizem-nos que o actor Torres, do do S. José, anda procurando metter-se numa *concha* daquelle theatao...

Que bicho de concha nos sahiu o pandego!

—E o José Alves a julgar-se mesmo muito importante, dizendo não ligar nenhuma áquelles que não são *d'aiarte*!

E elle diz isso muito convencido, como si algum ligasse a elle, o presumido!

—O' John, vê lá si te esqueces de nos mandar da Bahia os informes que nos prometteste.

Já que os mandas para Portugal, bem podes mandal-os para cá, que é mais perto.

—Partindo para S. Paulo, com a *troupe* do Chantecler, teve a gentileza de trazer-nos as suas despedidas o estimado actor João Ayres.

Gratos.

Formigão

Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhores e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telefone 3.660.

O PISO

FILMS... COLORIDOS



Disse-nos a tia Rosa Fernandes, da Avenida Mem de Sá, que a Celeste do S. José andava por lá espalhando aos quatros ventos que o Jardim estava apenas esperando que a Pepa realizasse o beneficio, para depois obrigar-a a solicitar uma licença de tres mezes á empresa, afim de melhor

gozarem a lua de mel...

E o Pires, coitadinho, o que diz a isto?

— Caro custou á Palmyra do S. Pedro a brincadeira da chinellada que deu na sua collega Leonor, dentro da caixa.

Não fosse a gaja tão fiteira e não teria agora de gramar aquella multa de 50 fachos!

— Pelos modos, a Lola do S. José deixou que o celebre vestido desbotado apanhasse *agua salgada*, ao ir para bordo, no 1.º acto na nova peça; resultando dahi ficar o tal vestido com aquelles dois enromes buracos.

— Disse-nos o... (não lhe declinamos o nome para o camarada não entrar na lenha) que a Leonor Buscapé passou o beicho no senhorio, em dois mezes de aluguel, para poder comprar um chapéu-Chile para o Orestes.

E o que tem o Cartola a ver com isso?

— Garantiram-nos que, por não ter conseguido attingir ás celestes regiões... São Domingos vingam-se agora pondo a *santinha* constantemente na "tabella."

Será verdade?

— Diz a Dolores Canja Fria que a vida na Hespanha não está nada boa, e a prova disso é que ella voltou immediatamente para o Brazil, porque aqui, ao menos, *no se hacen ciertas cosas por una peseta...*

Caramba!

— Contaram-nos que ha dias, indo S. Floriano á casa da Rosa Bocca de Sopa, teve de esconder-se de repente no guarda-vestidos... mas no momento em que o fazia, este cahiu-lhe em cima, quasi o esmagando.

Que fita de estrondo, sim senhor!

— Em conversa que tivemos com a Marietta, disse-nos ella haver feito as pazes com a Otilia do Chantecler, sómente para incumbil-a de vigiar o An-



tonico Le Bargy, em S. Paulo, e de lhe mandar dizer o que elle por lá fizer...

Vão ver que na melhor occasião a Otilia é a primeira a pregar-lhe a partida!

Afinal de contas, quem chupou as balas enviadas pelo Ayres á Angelina Lingua de Sogra foi o Franklin, que propositalmente as foi entregar á outra Angelina, certo de que esta as regeitaria.

E' uma *aguia*, o Franklin!

— Não tendo a Modesta apparecido segunda-feira transacta, como de costume, para ir tomar a respectiva lição de *musica...* com o maestro Valentim, foi este rondar a Villa Ruy Barbosa, a ver o que havia...

Quem viu isso foi o Cartola, que por sua vez nos veio contar.

— O Orestes promettera á Leonor Buscapé ir buscar, numa sexta-feira qualquer, as malas que lá havia deixado. Percebendo, porém, o camarada que o queriam expulsar, fez uma *fita*, puxou da faca e acabou tudo no respectivo districto.

Que pessoal! Livra!

Visto o Vianninha não partir para S. Paulo com a *troupe* do Chantecler, resolveu a Luiza Lopes recusar todas as propostas que lhe foram feitas para *substituil-o*, inclusive a do negociante da rua dos Ourives, que era a mais vantajosa...

Que pena o Vianninha não partir, diz ella.

Operador.



SUPREMO ABRUÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO V

Na margem direita do rio, Marcella avistou uma velha torre feudal, umas ruínas, altivas e imponentes nos seus destroços.

—Olha a torre! exclamou a minha amante.

Voltei-me para ver a torre que se destacava orgulhosa sobre uma eminencia.

—Quando era pequena, contaram-me que naquella torre, ha muito tempo, habitara um senhor a quem a esposa matara. Essa mulher estava apaixonada, assassinou o marido para casar com o amante. Vêm-se ainda as masmorras, um grande poço, e foi ahi que ella lançou o cadaver; é por isso que a denominam, a *Torre do Crime*. Se lá fomos?

Pouco depois tínhamos trepado á eminencia onde se achava a torre. Era tudo tão velho, tão pesado, tão tragico, que falavamos em voz baixa como se tivéssemos penetrado n'um santuario.

Não obstante os espinheiros que por ali medravam á vontade, Marcella conduziu-me junto de uma brecha enorme que o tempo transformara n'uma porta. Depois de nos acharmos na torre, entre pedras informes, encerrados, sós, aproximamo-nos um do outro, como se o medo nos invadissem.

—Faz frio, disse Marcella.

Tomei-a nos braços, attrahi-a para mim.

—E' bello! Sou feliz por sentirmos igualmente a influencia destas magnificas ruínas. Vem sentar-te sobre aquella pedra, lá no fundo, que um raio de sol doira e aquece. E vamos ainda falar de amor. Desejaria tanto que nos encontrássemos presos, encarcerados n'uma prisão como esta, para nos livrarmos de tudo que possa afastar-nos um do outro!

Emquanto falava, olhava com ternura para a formosa cortezã, tão simples naquelle momento, tão nova e tão candida, que se assemelhava ao anjo bom com que todos os homens sonham e que nunca encontram.

A sua linda cabecinha, despertada pela commoção, pousara-se sobre o meu hombro, e, levemente, meigamente, eu acariciava-lhe as faces, o cabelo, o pescoço.

—Tens em ti todas as ternuras. Quando queres ser tão candida, tão infantil, sinto uma felicidade infinitamente profunda, e é devido a e se teu rosto angelical que não posso afastar-me, mesmo quando te esforças por me defender.

—Amo-te! Foi a sua resposta, murmurada como um echo da sua alma.

Deixara escorregar a cabeça para o meu peito, e os seus olhos, erguendo-se para os meus, eram meigamente sonhadores.

Senti a pressão dos seus braços, li-lhe no rosto um subito desejo. Olhamos ao mesmo tempo, em torno de nós, como para examinar aquella monstruosa moradia que iam transformar em alcova; invadiu-nos o mesmo louco desejo; procurei-lhe os labios, beijei-a com frenesi, e, sem uma palavra, febril, apaixonado, dei-tei-a sobre a pedra em que estavamos sentados, e possuí-a como senhor triumphante da amante adorada.

A sua felicidade, como a minha, foi immensa. Vi no seu olhar a caricia do reconhecimento, e quando descemos o rapido declive, que vae da collina ao rio, formavamos ambos como um unico ser: os nossos instinctos tinham-se aliado, e foi para mim uma felicidade persuadir-me que era eu, naquelle momento, quem possuía todos os pensamentos da minha amante.

Ao crepusculo, cansados de ar e de amor, voltamos para o hotel, e, no seu quarto, ao mudar de vestido, semi-nua, Marcella appareceu-me como aquella que seria, até á morte, a companheira fiel da minha vida.

Esquecera todas as suas culpas, a sua traição, a sua ancia do mal.

(Continúa.)